

RIOS DE R-EXISTÊNCIAS: DIÁLOGOS DE UMA MARGINALIZAÇÃO INSTITUCIONAL EM CONTEXTO DE ABRIGAMENTO

Deanny Stacy Sousa Lemos¹

deannystacy@gmail.com

Lilian Gabriella Castelo Branco Alves de Sousa²

gabriellaufpi@outlook.com.br



1 Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Piauí. Mestranda em antropologia pelo Programa de Pós Graduação em Antropologia- PPGANT/UFPI.

2 Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Piauí. Especializada em Supervisão e Gestão Escolar com Docência Superior pela Faculdade Excelência. Mestra em Antropologia pela Universidade Federal do Piauí.

Em 08 de julho de 2021, tivemos a oportunidade de conversar com Paulo, Marcos, Pedro e João³, todos indígenas da etnia Warao que hoje vivem provisoriamente em um abrigo cedido pela Prefeitura, localizado em um prédio da Emater. Além deste, há outros dois abrigos que estão localizados no Centro Social Urbano - CSU e no Piratinga.

O povo Warao chegou em Teresina em meados do início de 2019, uma dinâmica de mobilidade que tem se intensificado nas capitais nordestinas nos últimos anos. Desde a sua presença migratória em 2014, vem ocupando algumas cidades brasileiras para fugir da crise que se instalou na Venezuela e assim buscar melhores condições de vida.

Os Warao, que quer dizer gente de canoa, são falantes de uma língua também chamada warao, oriundos de uma família linguística isolada e que tradicionalmente estão espalhados em comunidades da região caribenha no Delta do Rio Orinoco, na República Bolivariana da Venezuela. Algumas dessas comunidades estão localizadas em uma região de terra, com acesso ao *moriche* (palma do buriti), aos frutos silvestres, às pequenas roças e vivendo da caça e da pesca. Há outros subgrupos distribuídos por regiões isoladas, com moradias de palafitas fixadas sobre o mar, para estes a alimentação tem sido baseada na pesca e na coleta do caranguejo ou nas trocas desses suprimentos por outros.

Apesar de utilizarmos a nomenclatura “entrevista”, acreditamos que essa etapa tenha sido ultrapassada, já que queríamos desde início que fosse uma conversa fluida e amena. Acreditamos também que toda fala está carregada de um tom político, pois não podemos esquecer quem somos e os nossos ideais.

A princípio, o objetivo desta entrevista estava voltada para a sua forma organizacional de vida e o modo de pensar no processo de saúde e doença. No entanto, nossa conversa em um primeiro momento já foi direcionada à atual conjuntura e as violações que os Warao tem sofrido por parte da má gestão dos abrigos. O que despontou a perspectiva de que não há nenhuma política pública efetiva para atender as demandas do povo Warao e que estes tem sofrido com a tutela extrema ao passo que são desassistidos por qualquer projeto que os beneficie.

As violações contra os warao que estão nos abrigos de Teresina tem crescido exponencialmente, contencões já vinham ocorrendo anteriormente sem qualquer aviso prévio às lideranças e famílias Warao. Uma delas foi a redução dos alimentos, como os Warao basicamente se alimentam de peixe e frango, esses dois itens que são tão primordiais em suas refeições, foram cortados e os demais produtos, passaram a ser entregues em formato de cesta, cada vez com menor quantidade. Houve a inserção provisória da guarda municipal e o chamado para a polícia militar dentro dos espaços, muitas vezes, são acionados para agir com truculência e autoritarismo contra os Warao.

³ Utilizamos codinomes para preservar a imagem dos entrevistados e evitar futuras perseguições da diretoria do abrigo.

Nos últimos cinco meses temos acompanhado novas denúncias de violações. O acompanhamento de saúde foi limitado, hoje, os próprios Warao precisam lutar contra sua dificuldade de compreensão aos nossos sistemas de serviços. Principalmente, a barreira da comunicação para conseguir um atendimento de saúde. E ainda precisam lidar contra o preconceito e os estigmas, não somente da sociedade, mas também das equipes que atuam dentro dos espaços de acolhimento.

Reiteramos que este momento, inicialmente denominado de entrevista, tomou maior profundidade no instante em que não foi preciso uma pergunta chave para iniciar o diálogo, mas apenas o próprio receio dos warao com a divulgação desse material chegar até às mãos da Prefeitura.



Fonte: Desenho feito durante uma oficina com crianças Waerao. Arquivo pessoal

João: *Gabi⁴... a Prefeitura vai saber que nós estivemos aqui pra fazer entrevista? O que va-*

⁴ É importante deixar claro que uma das entrevistadoras, Gabriella de Sousa, trabalhou anteriormente em dois abrigos que o povo Warao vive, por isso o tom é que foi desenvolvida a conversa de pessoas que possuem uma relação de amizade e confiança.

mos dizer a eles? Porque depois eles vão falar muito [brigam] e nós não queremos isso.

Zabelê: *Não. O que vocês vão falar aqui não é sobre a equipe. Outra coisa... se eles estão questionando, mas o que vocês falam, na verdade, é um direito de vocês falarem o que acham que devem falar. Vocês têm o direito sobre a escolha do modo de vida que querem manter, mesmo que seja dentro do espaço da Prefeitura...é obrigação da prefeitura ceder um espaço para vocês. Agora, a revista onde ela vai aparecer? - Os estudantes querem saber um pouco mais sobre os Warao, vão ter acesso a essa revista. Mas vocês têm que ter uma ideia de que isso é um direito de vocês. Ninguém pode dizer o que vocês podem fazer, é um direito de vocês exigirem melhorias. E o que é que está acontecendo? Eles estão ameaçando vocês?*

Paulo: *É muita coisa, é muita coisa... Não estamos de acordo com muitas coisas. Está faltando muita coisa... não é como antes. Cada dia vão barrando. Vão barrando. Assim como está acontecendo, se não falarmos nada só piora.*

Zabelê: *A tendência é sempre piorar.*

Paulo: *Um abrigo está muito pior do que o outro abrigo*

Zabelê: *Só que aí vocês não estão sabendo, porque existe a falta do contato. O Warao que está aqui não se comunica com o Warao de outra cidade, não sabe o que está acontecendo e vão ficar enfraquecidos. Vocês são um só, um grupo só, mas estão divididos por questões sociais, por questões de necessidades...*

Paulo: *Sim, muita necessidade. Assim como eu ...segunda feira comprei quatro pacotes de arroz. Eles [Semcasp] dizem dois frangos, mas não tem...é só um frango completo. Duas*

metades, um frango só.

João: *Mandaram...dois pacotinhos [frango] assim... ontem a gente recebeu só um frango. Falaram que eram dois frangos. Mas é só a metade, dois, duas metades. Agora entregaram quatro [receberam de doação]. E quando eu falei: “coordenador, a gente precisa de fruta, melancia.”- O coordenador disse: “você não precisa de melancia, você não precisa de nada”.*

Paulo: *Não querem saber de tudo que está acontecendo no abrigo. É como se estivesse trancado, não tem saída. Quando um reclama... quando um fala não chega tão longe, fica ali mesmo [refere-se a repercussão da voz diante das reclamações]. Falam assim: “sim sim, tá bom, tá bom”, depois não falam mais nada do que está acontecendo no abrigo. Por não... isso fala, fala, fala. Sempre falam a mesma coisa e nunca melhora, nunca melhora... sabem o que está acontecendo e não querem fazer nada.*

Pedro: *Agora eu quero perguntar a ti sobre os projetos⁵. Como fazem esse projeto? O projeto que eles fazem é para eles ou para nós? Eles não querem conversar comigo... Então não é pra mim.*

Zabelê: *Então não é pra você... se eu não sento para conversar com a parte interessada e faço tudo baseado pela minha cabeça, é pra mim... tiveram muitas denúncias cobrando a morte desse bebê.. desse que morreu com diarreia. Porque, hoje, uma criança morrer com diarreia é uma violência, é um tipo de violência... E vocês não vão perder abrigo, ninguém vai botar pra fora, ninguém vai ousar a amedrontar se vocês estão denunciando com razão. Porque não é comum ficar sem saúde!*

⁵ Os projetos são formas de assistências que os Warao que estão dentro dos abrigos recebem.

João: *[relata a história de como seu sobrinho Euclide morreu] Assim falo... eu tenho uma criança, quando levei a criança no hospital... quando entrei lá no hospital, a enfermeira perguntou: “cadê o pessoal que trabalhavam para vocês no abrigo?”. Eu disse “ não, lá não tem nada”. O primeiro coordenador que trabalhava muito bem, mas saiu. Depois colocaram outro. Francisco [taxista] falou, “ele saiu muito tempo, agora tem um novo, mas lá não tem carro, não tem nada”, não tem ninguém para nós. Ai, ela [enfermeira] falou que não podia trabalhar com o abrigo. Ai criança pega diarreia, de noite também, criança vomita... é muito difícil pra nós.. Tem que ter uma pessoa que trabalhe bem com a gente. Trabalhar bem quando é de dia, quando criança pega doença, diarreia, vômito e liga para lá [hospital]. Para falar de nós... liga para lá para ver como está a criança [em caso de internação]. Eu falei lá no hospital, falei que não tinha nada. Só nós que ficamos lá. Tem coordenador, mas não ajuda em nada. Não tem carro. [Quando o carro foi solicitado:] O coordenador disse que só amanhã, mas amanhã a criança poderia morrer. Meu filho pegou diarreia, eu comprei remédio, comprei tudo. Mas essa criança [referindo-se ao sobrinho, filho de Sofia] estava bem, ela estava bem, então passou. Não estava vomitando... não estava com diarreia. Fui pra rua e trabalhei, quando cheguei de novo, Sofia disse que ele estava chorando, tinha diarreia, antes não tinha nada, mas agora estava chorando e eu falei com o meu pai pra levar pra rezar, levamos e ele morreu.*

Zabelê: *Vocês não podem continuar esperando. Você [Guerrero] como aidamo, se Yovine está bem e pode falar como uma forte liderança também, chama o Yovine, o Jorge Guerreiro pode ser sua ponte, você [Guerrero] fala em Warao e ele [Jorge] traduz em português. O Roger, na questão saúde, pode falar. Então vocês devem se montar, é a hora que vocês têm, porque eu penso no caso do sr. Geronimo que tem tuberculose e está em tratamento...*

João: *Agora não está mais em tratamento, assim que outro coordenador saiu, ele [Geronimo]*

não fez mais tratamento.

Pedro: *Não, não está mais. Acabou tudo.*

João: *Mecere fazia exame e agora não está mais. Nilselys [adolescente gestante] também não está fazendo mais exames.*

Zabelê: *Essas pessoas estão todas sem tratamento?*

Paulo: *Quando o coordenador saiu, acabou todo o tratamento.*



Fonte: Foto tirada durante um ritual no abrigo Emater. Arquivo pessoal

Pedro: *Por isso que estou perguntando. Antônio [coordenador] veio falando para mim, “Guerrero, vamos ter um projeto”. Por isso agora eu estou falando pra quê esse projeto? Para quê? Ele não perguntou a mim, assim como você estava falando. Porque se fosse “vamos fazer um projeto para a criança?” Agora sim, vamos fazer um projeto. Agora você quer criar projetos, não me pergunta e não avisa. O que é isso? Tem que avisar, assim como o outro coordenador avisava: “Pedro, vamos fazer um projeto? Como você quer?”, - eu falava: “temos muitas crianças, muitas doenças, [projeto para] criança para curar rapidamente”. Vamos fazer um projeto? - Claro”. Agora, e aí cadê? Ontem⁶ mesmo passaram um projeto para criança brincar, assinou o projeto e não chegou nada, na volta não chegou, depois chegou outro projeto para ensinar a criança, projeto de escola, que queremos também, mas não chegou nada. O projeto deve ser pra eles. Porque não chega nada.*

Zabelê: *Então é agora que vocês não devem esperar mais nada. Se estão tendo dificuldades de serem ouvidos, liguem para Funai e contem: “olha nós estamos com dificuldades, Gerônimo está com tuberculose e não está recebendo medicação, e a tuberculose dele vai voltar, vamos nos contaminar e morrer, porque ninguém aqui vai querer cuidar da gente. Estamos sem atenção e sem assistência.*

Pedro: *Ontem passei o dia ligando para a Renata [Funai], porém, chamou, chamou e nada. Mas quem me falou foi Junior “vem, Guerrero, venha falar com a gente...” assim como estou falando agora para ti. Eu falei para Antônio [coordenador]: “entrega um carrinho de mão para transportar lixo, me dá dois ou três”, aí ele disse que era para esperar uma semana, já passou um mês e não entregaram. Ontem também passamos dois dias, estávamos em uma*

⁶ Durante toda a conversa será possível observar que o uso do termo “ontem” para localização temporal está sendo utilizado para se referir a eventos que aconteceram há dias, semanas, meses e anos anteriores. Ou seja, o ontem não faz referência a um evento anterior ao dia da conversa, mas em muitos momentos o termo está sendo utilizado para descrever eventos no passado distante.

reunião com... como se chama... Sebastián [da Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados-Ancur], passamos dois dias com ele... chegou falando bem warao, falando yakera-ra [está bem], kokotuka [todos]... Passamos dois dias se reunindo com ele. O outro [que veio junto com Sebastián], compreende um pouco de Warao.. mas nós entendemos. Nos conhecemos e ele perguntou sobre a alimentação “Aí Guerrero, tem frango e peixe?” - Eu disse: “não tem peixe, somente um frango que entregaram para uma semana”. Nós estávamos falando todos os dias e nada... Ele [Sebastián] mesmo falou pra mim “Guerrero, fique tranquilo, eu mesmo vou trazer um pouco.”. Ele trouxe três ou quatro frangos. Antes, a farinha de trigo entregavam [Semcaspí] cinco pacotes, agora não. Agora só é três, dois de arroz, dois de macarrão, estão diminuindo.

Paulo: *Eles acham que dá pra comprar com auxílio. Eu ganhei 150,00 de auxílio [emergencial], paguei 50,00 ao Raimundo [taxista]. Com 100,00 comprei macaxeira, pão e refrigerante, e acabou... Amanhã já não tem.*

Pedro: *Ontem eu perguntei “Antônio, agora eu quero perguntar pra ti. Agora quero falar para você sobre o que queremos. Fazer um projeto próprio para o Warao, queremos também trabalhar na Emater, queremos trabalhar [faz referência ao uso da terra para plantio], podemos limpar tudo lá. Mas toda essa gente está fazendo projetos que não são para nós. Ontem também queríamos discutir sobre o cemitério, e me falou que iriam fazer em dois meses um projeto para o cemitério. Mas nós queremos o dinheiro para o cemitério [pagar para fazer a cova]. O bebê da Nilselys morreu, falaram para pagar... para comprar o terreno, mas tem que levar um documento do cemitério, aí tem que levar o documento original de quem morreu e aí faz a cova*

Zabelê explicou sobre o processo da compra do terreno e da construção de sepultura, já que

os warao não sabiam que tinham que pagar pelo terreno.

Pedro: *Então queremos também falar com a prefeitura sobre as pessoas que morreram, porque não tem projeto.*

Zabelê: *Como foi a chegada de vocês no abrigo e o que a prefeitura prometeu?*

Pedro: *Ontem tínhamos dois abrigos, comíamos bem, entregavam tudo, na semana seguinte também, muito bem. Porém, agora o que estamos passando... este ano... não tem nada. Já passamos por três abrigos e não temos nada. Não temos sabão, não temos água sanitária e nem papel, não entregam nada.*

Paulo: *Não entregam nada. Não pode, assim como eu que tenho seis, sete filhos...*

João completa dizendo: *“acaba rapidinho.”*

Paulo: *confirma: “acaba rapidinho.”*

Pedro: *Por isso agora eu falei, brigando com o Santiago [coordenador do CSU], “o que se passa?!” – Santiago respondeu: “não, aí tem pouco, aí tem pouco. Tem pouquinho guardado para vocês.” – Guerrero em diálogo com Santiago, responde: Então manda, entrega pra eles aí.*

Zabelê: *Então vocês precisam registrar isso, tirar foto, fazer vídeo. Porque vocês não podem ser mantidos nessas condições. A sociedade não sabe dessa realidade que vocês vivem, por isso o que falam dos Warao são estigmas, de que são alcoólatras, pedintes, mas não entendem*

que o álcool é apenas uma forma que os Warao encontram para continuar existindo, é uma saída, porque falta expectativa de vida.

Paulo: *Ah, sim...sim, é verdade. Agora estamos indo na rua, quarta, quinta, sexta, sábado e domingo.*

João: *Não, é quinta, sexta, sábado e domingo.*

Paulo: *Quinta, sexta, sábado e domingo. Quatro dias! Desses quatros dias que eu saio na rua, você sabe quanto eu consigo?! -150, 150. Quatro dias! Das 7 às 13 horas, às vezes 12 horas, 150, quatro dias, às vezes que eu consigo. O que dá pra comprar? Quando chego lá [referindo-se ao abrigo] não tem frango, a gente tem que comprar frango. E lá perto não vende. Só supermercado... como é... a metade. Duas coxas....*

João: *é 32,00; 36,00*

Paulo: *32,00, às vezes, a coxa, às vezes, a asa, depende. Isso a gente compra um dia, dois dias, e o dinheiro acaba. Na segunda, já não temos mais. Na segunda, chega a cesta básica à tarde, às 4 horas, o que é que vamos comer pela manhã? - Se não temos mais nada! Às vezes, chega às 3 horas da tarde. Algumas pessoas não tem dinheiro pra comprar e vai comendo assim sem nada.*

João: *Na segunda pela manhã só tem arroz e tem que comer só arroz.*

Zabelê questiona sobre a quantidade de famílias na Emater e Paulo responde que são vinte e sete.

O taxista que os trouxe para a entrevista, cujo nome é Raimundo, levantou uma outra informação importante, ao dizer que soube através dos Warao que outras famílias estavam chegando, já estavam no barco.

Paulo: E agora o que vamos fazer? De agora em diante o que vamos fazer... Se comprarmos frango... vamos gravar, assim, dizendo que esse frango não é o que está entregando a Prefeitura, é do dinheiro que trabalhamos na rua e aqui está. Tudo, tudo que compramos com dinheiro, nós vamos gravar, vamos tirar foto. Lá fora mesmo, na bodega [referindo-se ao supermercado], quando estivermos lá dentro do comercial, “ver, estamos comprando isto, ver aqui, aqui estamos comprando, sim”.

Zabelê: Vocês podem tirar foto daquele papelzinho amarelo, é o comprovante da compra.

João: É... é fazer foto das compras (e pronuncia o restante da frase em warao).

Paulo: Aí o coordenador falou assim “você bebe cachaça, então tem dinheiro para comprar cachaça e não tem dinheiro pra comprar frango”, o que é isso? Se você não ver todo dia comprando frango, todo dia comprando para a criança, dando biscoito, laranja, manga, assim compramos e ele não vê. Quando vê uma sacola lá do comercial, ele fecha os olhos para não vê, “eu não vi nada, não vi venezuelano comprando nada”, mas quando levamos a criança para rua, aí se vê, todo mundo vê, claro!

Zabelê: Quando leva criança para rua reclama...

Paulo: sim...

Zabelê pergunta se ainda há pressão para que as crianças não sejam levadas para as ruas? (Esta pergunta está associada a um acontecimento nos meses anteriores, em que o Direitos Humanos junto com a Semcaspi acionou a Guarda Municipal e a PM para uma fiscalização às 4h30 da manhã, surpreendendo as venezuelanas que se preparavam para sair para trabalhar na rua.

Pedro: Agora não. Sebastian [da acnur] falou “deixa tranquilo criança, deixe que saia para a rua, eles estão passando fome”, assim ele falou.

Zabelê: Isso é uma questão de traço cultural, mas o Conselho Tutelar... pela lei a ECA, a criança ir para a rua, é considerado uma exploração de trabalho, porém quando a gente passa nas ruas, o que a gente vê? – que elas estão sentadinhas no chão. Elas não estão trabalhando, elas estão sentadas no chão, tanto é que tem suco do lado, tem biscoito para a criança ficar comendo, para ficar se alimentando. Quando vocês começaram a vir pra cá, em 2019, eu sempre via quando tinha uma criança... aqui perto da ufpi, tinha uma mãe com a criança, mas a criança estava sentadinha e a mãe estava no sinal. Então como podem falar que vocês estão usando a criança para ganhar dinheiro?

Paulo: Às vezes, motorista não dá, quando motorista dá... ver a criança, chama e dá assim dinheiro para ajudar, “vem criança toma uma ajuda aí”, aí vê outra pessoa, pensa que está usando a criança pra pedir. Às vezes, na rua, não dá comida assim, minha criança fica comendo, aí sim, Prefeitura se põe cega, porque não grava? Vê: “criança está comendo na rua, recebendo ajuda de motorista”. Aí não diz nada e não vê nada tão pouco.

Zabelê: Porque não interessa.

Paulo: Não interessa

Zabelê: É, ela só quer ver e de fato informar.

Paulo: A Prefeitura fala, fala, fala e nunca escuta o Warao.

Zabelê: Então se a Prefeitura está falando muito e vocês estão cansados de ouvir; pois agora vocês devem falar e tem muitos órgãos para escutar vocês.

Paulo: Porque não dá trabalho para um, não dá trabalho diretamente, a Prefeitura tem que entender que a gente também trabalhava. Como a gente comia? Como a gente conseguia dinheiro? como? Não é pedindo como estamos aqui, nós viemos e estamos aqui em outro país, porque não tivemos saída. Como trabalhar? Se tu ver uma pessoa que ajuda, “ei, venezuelano, vamos trabalhar? – Vamos, porquê não? Vamos trabalhar. Porque quando isso acontecia na Venezuela, vinha um crioulo “ei warao, vamos trabalhar? – Vamos! Sim, vamos trabalhar para ganhar dinheiro, e com esse dinheiro comprava comida. Agora quando chegamos aqui não há uma pessoa que chame um venezuelano para trabalhar; “vamos fazer isso! – Vamos, vamos!”, não temos! E por isso saímos para a rua pedindo dinheiro. Por isso no Brasil, o Warao venezuelano não sai da rua, é pedindo dinheiro. Não temos como conseguir dinheiro.

Zabelê: Se estão pedindo dinheiro é porque não estão trabalhando.

Paulo: Sim. Não estamos trabalhando. Se estivermos trabalhando, porque vamos sair pra rua? Porque?

Zabelê: *A Prefeitura está impedindo?*

Paulo: *Já não quer entender. Um fala, mas como é, falta uma pessoa que apoie. Um fala, fala, mas não está escutando. Estamos precisando de ajuda somente, ajuda...se alguém não puder ajudar, não ajuda. Mas nós não estamos brigando, estamos lutando por melhoria de vida. Mas não conseguimos, por isso estamos na rua... na rua pedindo, por isso saímos na rua pedindo ajuda. Conseguimos ajuda de cesta básica também, alguma pessoa dá assim, por isso, quando a mulher está na rua, e o homem não tem trabalho tem que sair pra rua também, se não tem trabalho não tem como ficar em casa. Os dois trabalhando ganham um pouco mais.*

Zabelê: *Na comunidade Mariusa, cada homem e mulher tinha atividade para ser feita? O homem pescava e a mulher, por exemplo, coletava, fazia alguma coleta?*

Marcos: *Só pesca, só pesca e a mulher fica em casa. E o homem sai pra pescar. Também... agarramos caranguejo no mangue, fazíamos cinco sacos de caranguejo*

Zabelê: *E as coletas de frutas?*



Fonte: Desenho feito durante uma oficina com as crianças Warao. Arquivo pessoal.

Paulo: Não tem nada, lá não tinha uma fruta. Lá só tinha fruta quando crioulo vinha da cidade, e quando chegava fruta a gente conseguia.

Zabelê: E quando houve a chegada dos missionários, também chegou em Mariusa?

Paulo: Na comunidade Mariusa nunca chegou. Muito longe, Leva um dia pra chegar.

Zabelê: Mas tinha comunidade que recebia as visitas das missões?



Fonte: Desenho feito durante uma oficina com as crianças Warao. Arquivo pessoal.

Paulo: Na comunidade Mariusa não estava recebendo não, mas havia outra comunidade, ainda tem. Que tem a presença da igreja... católica, entra crioulo assim, que é católico, não tem muito tempo, mas que às vezes, fala Warao, fala quatro idiomas, inglês assim, aprende. Tem alguma comunidade.



Fonte: Xamã Lauterio rezando. Arquivo pessoal

Zabelê: *Existiam atividades de artesanato? Cestaria?*

Paulo: *Alguma comunidade sim, mas em comunidade Mariusa não tem esse material, não tem em Mariusa, em comunidade Mariusa não tem a palma de buriti, em outra comunidade sim que tem a palma de buriti que se faz isto pra fazer cesta, cesta assim. Na comunidade Mariusa*

não existe essa palma, mas em outra comunidade sim, tinha essa palma que dá pra fazer cesta, rede.

Zabelê: *Então vocês viviam basicamente viviam da pesca e do caranguejo?*

João: *Isso.*

Marcos: *Município de Tucupita... e três municípios, aí sabe fazer cesta, sabe fazer tudo. O Município de Tucupita/Mariusua não sabe. Somente pesca e caranguejo.*

Paulo: *Pesca e caranguejo só em Mariusa. Agora coleta, planta...*

Marcos: *É na comunidade do Plácido, do Yovini (Araguaia).*

Paulo em referência às comunidades dos nomes citados, diz: *Lá planta, planta.. banana, macaxeira, a gente chama ocumo...*

Zabelê: *O que é ocumo?*

Paulo: *aquele que a gente saca da terra, tira assim já – gestualmente, Roger, mensura o tamanho do que seria ocumo – esse tipo que...*

João: *É a batata.*

Paulo: *É batata. A gente chama assim, ocumo. Lá é grande assim – novamente gesticula,*

mostrando o tamanho da batata doce. – Aqui, nós vimos, aqui também é. Aí lá também planta, aí lá é macaxeira, banana, ocumo, melancia.... outro mais... abóbora, não? Como se chama... milho! Outra fruta mais que parece macaxeira... melão. Esse melão. Esse também, aí muito planta.

Zabelê: *Seria muito bom se a Emater cedesse esse espaço para plantio.*

Paulo *retorna a descrição de plantação nas comunidade: e também ajeduzia.. é como alinho de cebola, tomate, tem outra.... mais ... pimentinha, puro pequenininha*

Zabelê: *Vocês tinham acesso a esses alimentos através da venda dos peixes e caranguejos, precisavam ir até a cidade para fazer a venda?*

Paulo: *Não. Chegava um comprador na comunidade. Porque não tínhamos motor para chegar até a cidade.*

Zabelê: *Os criollos chegavam até a própria comunidade?*

Paulo: *Chegavam, já desciam, compravam o caranguejo e vendia aí mesmo. Porque não tinha como chegar até a cidade. Às vezes trocávamos a comida.*

Zabelê *direciona a pergunta aos quatros se eles nasceram em Mariusa ou foram morar em Mariusa [como o casamento é matrilocal, o homem deve viver com a família extensa da companheira e isso poderia ser um motivo para terem vivido em Mariusa]?*

João, Marcos e Pedro confirmam, exceto Paulo.

Paulo: Eu não, eu nasci à parte de Mariusa, nasci em Del Pueblo.. Del Pueblo Blanco, é uma comunidade já, não é uma cidade tão pouco, é uma comunidade, é um caño, já é assim, – pisa forte no chão – é terra, é terra assim. Quando comecei a estudar, já comecei a trabalhar também. Terminei tudo, terminei o 6 grau, – na Venezuela, esta é a última série escolar – não tinha mais ninguém que me ajudasse a continuar a estudar, então comecei a trabalhar com bovino, sabe?! Sacar, ordenhar a vaca, depois eu fui para outra cidade. Aí sim, da comunidade já entrei na cidade, comecei a trabalhar com criollo, eu não falava muito espanhol, só puro Warao. Não falava muito, mas entendia. Aí já aprendi a falar espanhol. Assim como agora, cheguei no Brasil, não sabia nada, não entendia quando falavam, agora não.. então é assim que nós estamos passando aí.

Zabelê: Os Warao são produtores de canoa?

João: Lá tem muita canoa, mas nós não fazemos, mas outros Warao fazem, porque nós não tínhamos pau pra fazer canoa. Só quando chegava de lá, com o alimento, aí sim.

Marcos: Só em outra comunidade que fazem canoa. – Mostra um vídeo no youtube de como iniciar o processo de criação da canoa, desde a derrubada da referida árvore, própria para se fazer a canoa, o processo do corte da madeira, o fogo.

Zabelê: Vocês sabem o nome da árvore?

Paulo: Katikamo... Aipelon

Logo após falar da árvores nativas, Marcos nos mostrou alguns vídeos no Youtube de como era feita a derrubada das árvores para produção de canoas, bem como, nos mostrou algumas fotos das casas em que viviamww. Devido a comunicação ter ocorrido com bastante tranquilidade, os Warao conduziram a conversa com bastante e leveza e em alguns momentos, fugimos das questões para assuntos triviais. Agradecemos imensamente ao Pedro, João, Paulo e Marcos por essa conversa.